

AS AVENTURAS DE HUCKLEBERRY FINN

Mark Twain

InfoLivros.org



SINOPSE DE AS AVENTURAS DE HUCKLEBERRY FINN

As Aventuras de Huckleberry Finn é um romance de Mark Twain, considerado a sequência ou continuação de As Aventuras de Tom Sawyer. Foi publicado pela primeira vez entre 1884 e 1885. Trata-se do que acontece com Huck depois que ele é deixado aos cuidados da viúva e ajuda o bando de ladrões de Tom.

Embora tudo parecesse estar indo bem, o pai bêbado de Huck reverte sua boa sorte e o leva a viver no rio abaixo. Entretanto, ele consegue escapar a bordo de uma jangada. Ao cruzar o rio Mississippi, ele encontra Jim, um escravo fugitivo. Os dois começam uma jornada de aventuras incríveis, com um final inesperado.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link [As Aventuras de Huckleberry Finn por Mark Twain em InfoLivros.org](#)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [The adventures of Huckleberry Finn Author Mark Twain](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [Las aventuras de Huckleberry Finn Autor Mark Twain](#)
 - Francês InfoLivres.org: [Les aventures de Huck Finn Auteur Mark Twain](#)
-

Se quiser ler e descarregar mais livros de Mark Twain em formato PDF, convidamo-lo a visitar esta página:

- [Mark Twain em formato PDF em InfoLivros.org](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

INTRODUÇÃO

Em 1884, uma editora publicou um dos livros fundadores — e mais polêmicos — da literatura norte-americana: *As Aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain.

Este romance, importante a vários níveis, é uma sequência de *As Aventuras de Tom Sawyer*, também ele um livro essencial na literatura dos Estados Unidos. No entanto, Mark Twain apresenta nesta obra algumas alterações, desde logo no narrador. Enquanto em *As Aventuras de Tom Sawyer* o próprio autor se assumia como o narrador da história, aqui é Huckleberry Finn que, como protagonista, nos dá a conhecer as suas peripécias, sempre com um discurso bem característico, muito seu — um discurso melancólico, engraçado e com base no mundo real.

O livro segue a viagem de Huck e do seu amigo Jim, um escravo que procura a liberdade num outro Estado, e não se limita a dar a conhecer as desventuras dos mais pequenos na vila de St. Petersburg. Huckleberry Finn tenta escapar ao seu pai, um alcoólico de longa data que faz uso dos punhos para descarregar as suas frustrações, e Jim procurar fugir a um eventual destino incerto como escravo na região de Nova Orleães. Ambos descem o rio Mississípi na sua jangada e

percorrem, portanto, grande parte do Sul, sendo esta a primeira grande peregrinação literária dos Estados Unidos.

Twain recorre a esta viagem para nos dar a conhecer personagens que, à sua medida, caracterizam a sociedade norte-americana da época. Esta sociedade, que tinha por base, em grande parte, a violência e o medo, marca ainda hoje esse país e leva-nos a crer que a caracterização de Mark Twain foi, e ainda que em jeito de paródia, fidedigna e determinante para toda a literatura que se lhe seguiu, se não mesmo para toda a cultura americana. Personagens como os aldrabões conhecidos como «Duque» e «Rei», o coronel Sherburn e os Grangerfords tornaram-se quase personagens-tipo da literatura (e da sociedade) norte-americana. No entanto, este livro é muito mais do que uma descrição da sociedade que o autor tão bem conhecia — é também um livro sobre o crescimento da personagem principal, das suas dores perante a injustiça ou o absurdo do mundo. Ou diante da sua incapacidade para cumprir aquilo que dele espera a sociedade quando, no fundo, a consciência lhe diz que nem sempre aquilo que os outros fazem é a coisa correta a fazer, como é disso exemplo o problema da escravatura.

Durante a sua viagem, Huckleberry cresce a cada minuto, o mundo dos adultos torna-se-lhe mais compreensível e ele tenta, com muito humor, aproveitar-se das suas lacunas. E, claro, contará com a ajuda de Tom Sawyer, personagem importante no último terço do livro. Huckleberry Finn descobre, aos poucos, que o escravo Jim é, também ele, um ser humano. O meio onde fora criado inculcara-lhe a visão de que os negros não eram humanos, não tinham capacidade de raciocínio e não eram mais do que propriedade de um branco, meros objetos. Huck apercebe-se de que Jim é um ser humano como ele, repleto de sentimentos, e, apesar da relutância que por vezes mostra — pois receia ser castigado por Deus, ou ser malvisto em St. Petersburg —, resolve ajudar Jim, para que este alcance a liberdade.

Contudo, é deste equilíbrio entre querer ajudar Jim e, ao mesmo tempo, recear soltar o escravo que pertence a outra pessoa que surge parte da polémica que ainda hoje rodeia este livro. Sim, porque *As Aventuras de Huckleberry Finn* surge muitas vezes envolto em polémicas. Certas pessoas, desejosas de o banir dos currículos escolares, afirmam que, apesar do seu tom antiesclavagista e da hipocrisia da sociedade posta a nu por Twain, a obra partilha vários estereótipos no que aos afro-americanos diz respeito, além de utilizar centenas de vezes a palavra nigger (que, nesta tradução, converti em «negro», «preto» ou «escravo»). Ora, essas pessoas esquecem-

-se de que Twain era um grande utilizador da ironia, e que esta sátira pretendia realçar o comportamento estúpido da grande maioria da população branca da época. Por outro lado, atribuir aos negros uma linguagem mais simplificada e todo o género de superstições serve apenas para cumprir o objetivo a que o autor se propôs: apoiar-se na realidade para nos dar a conhecer todas as incoerências e erros do seu mundo. Quanto ao mais, as polémicas são uma verdadeira injustiça ao trabalho de Mark Twain, que bebe da realidade para logo a expandir, por vezes quase até ao absurdo da coincidência, com o mero fim de nos prender na sua narrativa, de nos levar a pensar. E consegue-o.

Mas este livro é, acima de tudo, muito divertido, e é por isso que constitui uma leitura tão agradável e viciante — diria até que essencial para todos os jovens que gostam de ler, porque nos faz crescer enquanto pessoas e leitores. Um livro que se lê com facilidade e que aborda temas importantes sem nunca cair em passagens enfadonhas, o que comprova que a boa literatura sobrevive ao passar dos anos.

João Reis

CAPÍTULO I

Menina Watson

Não me conhecem se não tiverem lido um livro chamado As Aventuras de Tom Sawyer, mas isso não interessa nada. Esse livro foi escrito pelo Sr. Mark

Twain, que contou a verdade. Quase sempre. Exagerou algumas coisas, mas contou quase sempre a verdade. Coisa de pouca importância. Afinal, nunca conheci ninguém que não mentisse de vez em quando, exceto a tia Polly, ou a viúva, ou talvez a Mary. A tia Polly — que é tia do Tom — e a Mary e a viúva Douglas aparecem no tal livro, que é sobretudo um livro que conta a verdade, só que com algum exagero.

O tal livro acabou mais ou menos assim: o Tom e eu encontramos o dinheiro que os ladrões tinham escondido na gruta e ficamos ricos. Cada um recebeu 6000 dólares em ouro.

Dinheiro que, amontado, parecia nunca mais acabar. Bem, o juiz Thatcher pegou no dinheiro e pô-lo a render juros, o que deu um dólar por dia, durante o ano todo, a cada um

— mais do que aquilo que uma só pessoa conseguia gastar. A viúva Douglas cuidou de mim como se fosse seu filho, julgava que me ia acivilizar. Custou-me imenso viver sempre em casa.

Como a viúva era muito simpática e decente em tudo

o que fazia, eu não aguentei e fugi de lá. Voltei a usar os meus velhos trapos e a dormir na cabana e senti-me livre e muito contente. Só que o Tom Sawyer foi à minha procura e disse que ia criar um bando de assaltantes, e que eu podia fazer parte dele se voltasse para casa da viúva e fosse um miúdo respeitável. Por isso, voltei para casa dela.

Quando me viu, a viúva chorou que se desunhou. Ela disse que eu era um cordeirinho perdido, um pobre coitado, e também me chamou muitas outras coisas, mas nunca me quis ofender. Voltou a vestir-me roupas novas e eu só suava e suava, sentia-me todo tolhido. Então, começou a repetir-se tudo outra vez. A viúva tocava a sineta do jantar e eu tinha de chegar a tempo à mesa. Quando lá chegava, não podia começar logo a comer, tinha de esperar que a viúva baixasse um pouco a cabeça e murmurasse qualquer coisa, embora a comida não tivesse mau aspeto e estivesse impecável, quer dizer, estava sempre tudo bem cozinhado e, com aquele paleio, não lhe melhorava em nada o sabor. É diferente quando se come numa gamela e se junta a comida, aí as coisas misturam-se e o molho chega às partes todas e a refeição sabe melhor.

Um dia, depois do jantar, pegou na Bíblia e falou-me de Moisés e dos caniços no meio da água e eu fiquei em pulgas para descobrir o que lhe aconteceu. Mas ela acabou por me dizer que Moisés já

morreu há bastante tempo, por isso, deixei de querer saber dele, porque não quero saber de mortos.

Pouco depois, apeteceu-me fumar e pedi à viúva permissão para me ir embora. Ela não me deixou sair. Disse que fumar era um hábito mau e sujo, e que eu tinha de tentar não voltar a fumar. Algumas pessoas são mesmo assim. Falam mal de uma coisa quando não sabem nada sobre ela. Muito se incomodava ela com Moisés, que não lhe era nada, nem parente nem amigo, e já não servia de nada para ninguém, porque estava morto, para depois me apontar defeitos por fazer uma coisa que trazia algo de bom. E ela usava rapé, mas, claro, isso não tinha problema, porque ela gostava e isso faz toda a diferença.

A irmã dela — a menina Watson, uma velha magrita e com óculos — tinha acabado de chegar, para ficar a morar lá em casa, e começou a matraquear-me a cabeça sobre um livro de gramática. Moeu-me bastante o juízo durante cerca de uma hora e, então, a viúva obrigou-a a ir com calma. Eu não ia aguentar muito mais. Depois, durante uma hora, passei por um tédio de morte e fiquei preocupado. A menina Watson dizia coisas como: «Não ponhas aí os pés, Huckleberry» e

«Não te torças assim, Huckleberry, senta-te direito». E, pouco depois, dizia coisas como: «Não abras a boca nem te espreguices aqui, Huckleberry; porque não tentas comportar-te como deve ser?». Depois, contou-me tudo sobre o sítio mau e eu disse

que gostava de lá estar. Ela ficou furiosa, mas eu não quis ofender ninguém. Eu só queria ir a algum lado, só queria uma mudança — eu não era esquisito e servia-me um sítio qualquer, mesmo que mau. Ela disse que era muito feio dizer o que eu tinha dito, e que ela própria não seria capaz de dizer uma coisa daquelas por nada deste mundo. Ela disse que havia de levar uma vida correta, de maneira a ir para o sítio bom. Bem, eu cá não vi vantagem nenhuma em ir para onde ela ia, por isso, decidi que não tentaria ser aceite no tal sítio. Nunca lhe disse estas coisas, porque só ia causar problemas e não ganhava nada com isso.

Mas ela entusiasmou-se e continuou a falar, contou-me tudo sobre o sítio bom. Disse que nesse tal sítio uma pessoa passa o dia todo a cantar e a tocar harpa, para sempre e todo o sempre. De maneira que não me pareceu muito interessante. Mas não lhe disse nada disso. Perguntei-lhe se ela achava que o Tom Sawyer iria para lá e ela disse que nem pensar. Eu fiquei contente, porque queria que ele e eu ficássemos juntos.

A menina Watson estava sempre a pegar comigo e tornou-se cansativo, senti-me só. Por fim, chamaram os criados e fizeram as orações; depois, foram todos para a cama. Subi as escadas até ao meu quarto com um coto de vela na mão. Pousei

a vela na mesa. Depois, sentei-me numa cadeira junto à janela e tentei pensar em algo agradável, mas não valeu a pena. Senti-me tão sozinho, que me apeteceu estar morto. As estrelas brilhavam e as folhas rodopiavam na floresta com muita tristeza. Ouvei uma coruja piar muito longe, avisando que alguém tinha morrido, e um noitibó e um cão choraram porque alguém estava para morrer, o vento tentou sussurrar-me alguma coisa e eu não consegui perceber o que era, o que me fez ficar cheio de calafrios. Depois, ouvi na floresta aquele tipo de som que um fantasma faz quando quer falar sobre alguma coisa em que está a pensar e não se consegue fazer perceber nem descansar como deve ser na sepultura e tem de andar nestas andanças todas as noites. Senti-me tão triste e assustado, que quis ter alguma companhia. Pouco depois, uma aranha subiu-me ao ombro e eu varri-a com a mão e ela caiu na vela. Ficou toda encarquilhada antes que me pudesse mexer. Não precisei que ninguém me dissesse que aquilo era muito mau sinal e me ia dar azar. Como fiquei com medo, despias roupas muito depressa. Levantei-me e virei-me para trás três vezes sem nunca deixar de me benzer no peito. A seguir, prendi um cacho pequeno do meu cabelo com um fio, para manter as bruxas afastadas. Mas não me senti seguro nem confiante. São coisas que se devem fazer quando encontramos uma ferradura no chão e, em vez de a pregarmos acima da porta, a perdemos, mas eu nunca tinha ouvido dizer que afastavam o azar se se matasse uma aranha.

Sentei-me outra vez, todo a tremer, e saquei do meu cachimbo para fumar um bocado, porque por essa altura a casa estava totalmente em silêncio e a viúva não tinha como saber de nada. Bem, muito tempo depois, ouvi o relógio da vila a fazer pam, pam, pam — 12 batidas. E tudo voltou a ficar em silêncio, ainda mais do que antes. Pouco depois, ouvi um galho partir-se no escuro entre as árvores: alguma coisa estava a mexer-se. Mantive-me quieto e pus-me à escuta. Ouvi logo um «miau, miau!» no jardim. Bom sinal! E eu disse «miau, miau!» o mais baixo que pude e apaguei a vela para me escapular pela janela e saltar para cima do barracão. A seguir, saltei para o chão e gatinhei por entre as árvores. Sim, lá estava ele. O Tom Sawyer esperava por mim.

CAPÍTULO II

O bando do Tom Sawyer

Seguimos em bicos de pés por entre as árvores, o carrreiro chegava ao fundo do jardim da viúva e abaixámo-nos para que os ramos não nos arranhassem a cabeça. Quando estávamos a passar pela cozinha, tropecei numa raiz e fiz um barulho. Agachámo-nos e não nos mexemos. O escravo da menina Watson — um negro gigantesco chamado Jim — estava sentado à porta da cozinha. Vimo-lo muito bem, porque tinha uma luz atrás dele. Levantou-se e esticou o pescoço durante cerca de um minuto, e depois pôs-se à escuta. Então, ele disse:

— C’anda aí?

Passou mais algum tempo à escuta e depois desceu os degraus em bicos de pés e ficou entre nós os dois. Quase lhe podíamos tocar. Bem, se calhar até se passaram vários minutos sem se ouvir som algum, e nós todos tão juntos uns dos outros. Tive comichão num tornozelo, mas não me atrevi a coçá-lo, então comecei a ter comichão na orelha e, depois, nas costas, mesmo entre os ombros. Pareceu-me que ia morrer se não me coçasse. Bem, já reparei imensas vezes que, quando estamos com pessoas refinadas ou num funeral, ou a tentar

dormir quando não temos sono, ou num sítio qualquer em que não nos podemos coçar, sentimos comichão em mais de 1000 sítios. Pouco depois, o Jim disse:

— Vá lá, c'anda aí? Adonde? Raios ma partam se não ouvi alguém. Oh, sei bem qu'ê que vou fazer, vou assentar-me aqui e pôr-me a ouvir até o barulho voltar.

Ele sentou-se no chão entre nós. Encostou-se a uma árvore e esticou as pernas até uma delas quase tocar numa das minhas. Comecei a ter comichão no nariz. A comichão foi tanta, que me vieram lágrimas aos olhos. Mas não me atrevi a coçar-me. Depois, começou-me uma comichão de lado, e a seguir na parte de baixo. Não sabia como é que ia ficar quieto, sem me mexer. Esta grande miséria continuou durante seis ou sete minutos, mas pareceu muito mais tempo do que isso. Fiquei com comichão em 11 sítios diferentes. Achei que não ia aguentar aquilo nem mais um minuto, mas rangi os dentes e preparei-me para tentar suportar a comichão. Nesse momento, o Jim começou a respirar com força e a seguir a ressonar, e eu depressa fiquei outra vez confortável.

O Tom fez-me um sinal — uma espécie de barulhinho com a boca — e nós fomo-nos embora de gatas. Quando estávamos a três metros dali, o Tom sussurrou-me ao ouvido e disse que queria amarrar o Jim à árvore só por graça. Mas eu disse que não, ele

podia acordar e armar confusão e depois descobriam que eu não estava em casa. O Tom disse que não tinha velas que chegassem, que ia entrar na cozinha para ir buscar mais algumas. Eu não queria que ele fosse. Disse que o Jim podia acordar e ir atrás dele. Mas o Tom queria arriscar, por isso, entrámos na cozinha às escondidas e pegámos em três velas, e o Tom pousou cinco cêntimos na mesa como forma de pagamento. Depois, saímos e eu estava em pulgas para me ir embora, mas o Tom não desistia da ideia de gatinhar até o sítio onde o Jim estava e de lhe pregar uma partida. Fiquei à espera, e pareceu-me que foi muito tempo, estava tudo em grande silêncio e solidão.

Mal o Tom chegou, seguimos pelo caminho que dava a volta à cerca do jardim e, no fim, aproximámo-nos do alto íngreme da colina no outro lado da casa. O Tom disse que tinha tirado o chapéu da cabeça do Jim e o tinha pendurado num ramo mesmo acima dele, e que o Jim se tinha mexido um pouco, mas sem acordar. Mais tarde, o Jim disse que as bruxas o tinham enfeitiçado e deixado em transe, para depois o fazer percorrer o Estado todo. No fim, voltaram a pousá-lo debaixo das árvores e penduraram-lhe o chapéu num ramo, só para lhe mostrar quem é que tinha feito aquilo. Da segunda vez que contou a história, o Jim disse que o tinham levado até Nova Orleães e, a partir de então, sempre que contava a história, esticava-a cada vez

mais, até dizer que o tinham feito viajar pelo mundo todo e o tinham cansado de morte, e que tinha as costas cheias de bolhas. O Jim ficou mesmo muito orgulhoso daquilo, e sentia-se tão importante, que já não ligava nenhuma aos outros escravos. Os escravos caminhavam quilómetros para ouvir o Jim contar a história, e ele era o negro mais respeitado naquele condado. Os escravos, que não o conheciam de lado nenhum, ficavam de boca aberta e observavam-no como se ele fosse um milagre. Os negros estão sempre a falar de bruxas no escuro, junto ao fogão, mas sempre que um falava e dizia que sabia tudo sobre estas coisas, o Jim aparecia e dizia «Hã? Q' é que tu sabes sobre bruxas?», e o tipo ficava encurralado e tinha de se sentar e calar. O Jim usava sempre ao pescoço uma moeda de cinco cêntimos num cordel, dizia que era um amuleto que o Diabo lhe dera com as próprias mãos e o Diabo tinha-lhe também dito que ele podia curar qualquer pessoa com aquele amuleto e chamar as bruxas sempre que quisesse, só precisava de dizer uma coisa qualquer ao objeto. Mas ele nunca disse que coisa era essa que era suposto dizer. Todos os negros da região visitavam o Jim e davam-lhe tudo o que tivessem com eles só para dar uma vista de olhos à moeda de cinco cêntimos. Nunca lhe tocavam, porque o Diabo lhe tinha posto as mãos em cima. O Jim desgraçou-se e já não valia de nada enquanto escravo, porque ficou arrogante depois de ter visto o Diabo e ter andado a passear com as bruxas.

Bem, quando o Tom e eu chegámos ao topo da colina, olhámos para a vila lá em baixo e vimos três ou quatro luzes a piscar — casas onde se calhar estavam pessoas doentes —, e as estrelas acima de nós brilhavam tanto! Junto à aldeia estava o rio, com quilómetro e meio de largura, sossegado e tão grandioso que até assustava. Descemos a colina e encontramos o Joe Harper e o Ben Rogers, e dois ou três outros rapazes escondidos na velha fábrica de curtumes. De maneira que soltámos um barquinho e descemos o rio cerca de duas milhas e meia, até chegarmos ao grande penhasco e desembarcamos.

Aproximámo-nos de uns arbustos e o Tom obrigou-os a jurar que iam guardar segredo, e depois mostrou-lhes um buraco na colina, mesmo no meio dos arbustos, onde eles eram densos. A seguir, acendemos as velas e entrámos de gatas no buraco.

Gatinhámos mais ou menos 180 metros e, então, a gruta alargou-se. O Tom começou às apalpadelas nos corredores e, pouco depois, enfiou-se debaixo de uma parede onde ninguém teria notado que havia um buraco. Seguimo-lo por um corredor estreito e chegámos a uma espécie de sala, muito húmida e suada e fria, e parámos. O Tom disse:

— Vamos dar início a este bando de assaltantes e chamámo-lhe Gangue do Tom Sawyer. Quem quiser entrar tem de fazer um juramento e escrever o seu nome com sangue.

Como todos quiseram entrar no bando, o Tom pegou numa folha de papel onde tinha escrito o juramento e leu-o — todos os rapazes tinham de se manter fiéis ao bando e nunca contar nenhum dos segredos, e se alguém fizesse alguma coisa a um dos rapazes do bando, o rapaz que recebesse a ordem para matar essa pessoa e a sua família tinha de a cumprir e não podia comer nem dormir até os ter matado e marcado uma cruz nos seus peitos, porque esse era o sinal do gangue. E ninguém fora do bando podia usar essa marca e, se o fizesse, tinha de ser processado, e se o fizesse outra vez tinha de ser morto. E se alguém que pertencia ao bando contasse os segredos, tínhamos de lhe cortar a garganta e depois de lhe queimar o cadáver e espalhar-lhe as cinzas por todo o lado, e apagávamos-lhe o nome da lista escrita a sangue e nunca mais seria mencionado pelo gangue. Levava com uma maldição em cima e era esquecido para sempre.

Todos disseram que era um belo juramento e perguntaram ao Tom se lhe tinha saído da cabeça pela própria imaginação. Ele disse que parte era ideia dele, mas que o resto era tirado de

livros de piratas e de ladrões e que todos os gangues com um mínimo de elegância tinham um juramento parecido.

Alguns acharam que seria melhor matar as famílias dos rapazes que contassem os segredos. O Tom disse que era uma bela ideia, vai daí pegou num lápis e escreveu-a. E então o Ben Rogers disse:

— Mas aqui o Huck Finn não tem família. O que é que vais fazer no caso dele?

— E então? Ele tem um pai, não tem? — disse o Tom

Sawyer.

— Sim, tem um pai, mas hoje em dia nunca se lhe põe a vista em cima. Costumava apanhar a bebedeira e dormir com os porcos na fábrica de curtumes, mas ninguém o vê por cá há um ano, ou mais.

Discutiram o assunto e quiseram expulsar-me do bando, porque disseram que todos os rapazes tinham de ter uma família ou alguém que se pudesse matar, ou não seria justo para os outros. Ninguém conseguiu lembrar-se de nada que pudéssemos fazer, estavam todos atarantados e ficaram calados. Eu tive vontade de chorar, mas, de repente, lembrei-me de uma solução e propus-lhes a menina Watson — podiam matá-la. E disseram todos:

— Está bem, essa serve. Não há problema. O Huck pode entrar.

Espetaram todos um alfinete nos dedos para arranjam sangue com que assinar o juramento e eu fiz a minha marca no papel.

— Ora bem — disse o Ben Rogers —, a que atividade se dedica este gangue?

— A nenhuma, só a assaltos e assassínios — disse o Tom.

— Mas o que é que vamos roubar? Casas, ou gado, ou...

— Coisas! Roubar gado e assim não é um assalto, é um roubo foleiro — disse o Tom Sawyer. — Não somos ladrões comuns. Isso não tem estilo nenhum. Somos salteadores. Para- mos carruagens e caravanas na estrada, usamos máscara e matamos as pessoas para lhes levar os relógios e o dinheiro.

— Temos de matar sempre as pessoas?

— Oh, claro. É melhor. Alguns especialistas pensam de outra maneira, mas normalmente considera-se que é melhor matá-las, exceto algumas, que trazemos aqui para a gruta e que mantemos escondidas até serem resgatadas.

— Até serem resgatadas? O que é isso?

— Não sei. Mas é o que fazem. Já o vi em livros e então é isso que temos de fazer, claro.

— Mas como é que o vamos fazer se não sabemos o que é?

— Que raio! Nós temos de o fazer. Já não te disse que está nos livros? Queres fazer as coisas diferentes do que aquilo que os livros dizem e armar uma confusão?

— Oh, falar é fácil, Tom Sawyer. Mas, pelo amor de Deus, como é que se vão resgatar essas tais pessoas se não sabemos o que temos de lhes fazer? É só o que quero saber. O que achas que é isso de resgatar?

— Não sei. Mas se calhar significa que temos de as guardar até morrerem.

— Bem, já é alguma coisa. É uma resposta. Porque é que não disseste logo isso? Vamos guardá-las na gruta para serem resgatadas até à morte. E não vai ser fácil guardá-las, vão comer tudo e tentar fugir.

— As coisas que tu dizes, Ben Rogers. Como é que as pessoas podem fugir quando têm um guarda a vigiá-las e pronto a abatê-las se se mexerem?

— Um guarda! Essa é boa. Então alguém tem de passar a noite toda acordado e nunca dormir, só para as vigiar? Acho que é uma estupidez. Porque é que não se pode pegar numa moca e resgatá-las assim que cá chegarem?

— Porque não é assim que se faz nos livros, é por isso. Olha lá, Ben Rogers, queres fazer as coisas como devem ser, ou não? É o que temos de saber. Não achas que as pessoas que escreveram os livros sabem o que é que se deve fazer? Achas mesmo que tu lhes podes ensinar alguma coisa? É que nem penses. Não, senhor, vamos resgatá-las da maneira habitual.

— Muito bem. Não me importo, mas digo que é uma estu- pidez. Olha lá, também matamos as mulheres?

— Ben Rogers, se eu fosse tão ignorante quanto tu, atirava-
-me de um penhasco. Matar as mulheres? Não, nos livros nunca disseram nada disso. Levamo-las para a gruta e somos sempre muito educados com elas. Aos poucos, apaixonam-se por nós e nunca mais querem ir para casa.

— Bem, se é assim, concordo, mas não me fio muito nessa conversa. Em pouco tempo temos a gruta tão cheia de mulhe- res e de tipos que querem ser resgatados, que não vai haver espaço para os assaltantes. Mas continua, não tenho nada a dizer.

O pequeno Tommy Barns já estava a dormir e, quando o acordaram, ficou assustado, chorou e disse que queria ir para casa e estar com a mãe, que já não queria ser um assaltante.

Troçaram todos dele e chamaram-lhe bebé chorão e ele ficou louco de fúria e disse que ia contar todos os segredos mal pudesse. Mas o Tom deu-lhe cinco cêntimos para ele se calar e disse que íamos todos para casa e que nos encontráva- mos na próxima semana para assaltar alguém e matar algu- mas pessoas.

O Ben Rogers disse que não podia sair muito de casa, exceto aos domingos, por isso queria começar no domingo seguinte, mas todos os rapazes disseram que seria perverso fazer estas coisas

a um domingo e a história ficou-se por aí. Concordaram em reunir-se e fixar um dia assim que pudessem, e então elegemos o Tom Sawyer primeiro-capitão e o Joe Harper segundo-capitão do gangue. Depois, fomos para casa.

Trepei ao barracão e entrei no quarto pela janela antes do nascer do dia. As minhas roupas novas estavam todas gordurosas e enlameadas, e eu estafado como um cão.

CAPITULO III

Brincando aos assaltos

Pois bem, de manhã, a menina Watson deu-me um ser-mão por causa das minhas roupas. Mas a viúva não me disse nada, só limpou a gordura e a lama, e pareceu tão

triste, que eu pensei em comportar-me bem enquanto conseguisse. Depois, a menina Watson levou-me para um canto sossegado e rezou, mas a oração não deu em nada. Disse-me para rezar todos os dias, porque assim receberia tudo aquilo que pedisse — oh, uma grande mentira. Tentei. Eu tinha uma linha de pesca, mas não tinha anzóis. A linha não me servia para nada sem anzóis. Tentei rezar três ou quatro vezes para receber anzóis, mas não consegui fazer com que funcionasse. Um dia, pedi à menina Watson que tentasse por mim, mas ela disse que eu era um pateta. Nunca me disse porquê e eu não percebi qual o motivo para me insultar.

Uma vez, sentei-me na floresta e pensei muito tempo sobre aquilo de rezar. Disse cá para mim que, se se pode rezar e ter-se o que quer que seja, porque é que o diácono Winn não recuperava o dinheiro que tinha perdido com a carne de porco? Porque é que a viúva não recuperava a caixinha de rapé em prata que lhe tinham roubado? Porque é que a menina

Watson não conseguia engordar? Não, disse eu para comigo, isto é tudo mentira. Fui ter com a viúva e falei-lhe nisto e ela explicou que ao rezar só se podiam ganhar «prendas espirituais». Isto foi um choque para mim, mas ela disse-me o que significava aquilo: eu devia ajudar as outras pessoas e fazer tudo o que pudesse por elas e olhar por elas a todo o momento e nunca pensar em mim. Isto incluía a menina Watson, pelo que percebi. Fui dar uma volta pela floresta e pensei no que ela me disse durante muito tempo, só que não encontrei vantagem nenhuma naquela conversa, exceto para as outras pessoas, que ficavam a ganhar. Por isso, decidi que não me ia preocupar mais com orações. Às vezes, a viúva chamava-me e falava comigo acerca de Deus de uma maneira que me levava a ficar com água na boca. Mas, no dia seguinte, a menina Watson conversava comigo e deitava tudo por terra. Parecia-me que existiam dois deuses: com o Deus da viúva imaginava um belo espetáculo, mas não havia fuga possível quando a menina Watson me apanhava. Pensei em tudo e concluí que ficava com o Deus da viúva se ele me aceitasse, embora não entendesse o que é que ele ganhava com isso, já que eu era muito ignorante e um bocado trapaceiro.

Ninguém via o meu pai há mais de um ano e eu estava muito confortável em relação a isso. Nunca mais o queria ver. Costumava dar-me tarefas quando estava sóbrio e me punha as

mãos em cima, apesar de eu me esconder na floresta a maior parte das vezes que ele aparecia. Bem, por essa altura, encontraram-no afogado no rio, a cerca de 18 quilómetros da vila, segundo diziam as pessoas. Pelo menos, julgaram que era ele, disseram que o afogado tinha o mesmo tamanho, estava

com a roupa esfarrapada e tinha o cabelo muito comprido, e o meu pai era mesmo assim. Mas não conseguiam distinguir nada da cara dele, porque tinha passado tanto tempo na água, que já não era bem uma cara. Disseram que estava a boiar de costas na água. Apanharam-no e enterraram-no na margem. Mas eu não me senti confortável por muito tempo, pois lembrei-me de uma coisa. Eu sabia muito bem que um homem afogado não flutua de costas, mas com a cara para baixo. Por isso, soube logo que não era o meu pai, mas uma mulher vestida com as roupas do meu pai. E voltei a sentir-me desconfortável. Achei que o velhote ia acabar por aparecer outra vez, mesmo que eu não quisesse.

Durante um mês, brincámos de vez em quando aos assaltos, e depois demiti-me. Todos os rapazes se demitiram. Não tínhamos assaltado ninguém nem assassinado pessoas, só tínhamos fingido. Costumávamos saltar da floresta e lançar-

-nos a porqueros e a mulheres que levavam hortaliças na carroça até ao mercado, mas nunca assaltámos ninguém. O Tom

Sawyer chamava aos porcos «lingotes», e aos nabos e essas coisas «joalheria», e depois íamos para a gruta e fazíamos uma grande festa ao falar naquilo que tínhamos roubado e sobre quantas pessoas tínhamos assassinado e marcado com uma cruz. Mas eu não via vantagem nenhuma naquilo. Uma vez, o Tom mandou um rapaz correr pela vila com um pau em brasa, a que ele chamou estandarte (que era o sinal para o gangue se juntar), e depois disse-nos que tinha notícias secretas, enviadas pelos seus espiões, de que, no dia seguinte, muitos mercadores espanhóis e árabes ricos iam acampar na Gruta Oca com 200 elefantes, 600 camelos e mais de 1000 mulas «de carga», todos eles cheios de diamantes. Tinham só uma guarda de 400 soldados e nós íamos fazer-

-lhes uma emboscada — como ele lhe chamou —, matar tudo e ficar com as coisas. Ele disse que tínhamos de limpar as nossas espadas e armas e de nos preparar. Ele não era sequer capaz de perseguir uma carroça com nabos, mas tinha de ter as espadas e as armas de fogo bem limpas, embora fossem apenas paus e cabos de vassoura; podíamos limpá-los até morrermos, porque não ficavam a valer mais do que já valiam. Eu não acreditei que pudéssemos dar uma tarefa a tantos espanhóis e árabes, mas queria ver os camelos e os elefantes, por isso, apareci no dia seguinte, sábado, na emboscada. E quando ouvimos o sinal para avançar, saímos da floresta a correr e descemos a colina. Mas não

havia espanhóis nem árabes, nem camelos ou elefantes. Não passava de um piquenique da catequese — e do primeiro ano, já agora. Acabámos com o piquenique e perseguimos as crianças até à gruta, mas só apañámos algumas roscas e compota, apesar de o Ben Rogers ter trazido uma boneca de trapos e o Joe Harper encontrar um hinário e um papelinho com orações. E depois a catequista apareceu e obrigou-nos a largar tudo e a fugir.

Não vi diamantes nenhuns e disse-o ao Tom Sawyer. Mas ele insistiu que havia lá muitos, e que também havia árabes e elefantes e essas coisas. Eu perguntei-lhe porque é que não os conseguíamos ver. Ele respondeu que, se eu não fosse tão ignorante e tivesse lido um livro chamado Dom Quixote, sabia porquê sem ter de lho perguntar. Ele disse que era tudo feito por magia. Disse que estavam lá centenas de soldados e elefantes e tesouros e muito mais, mas que tínhamos

inimigos a que ele chamou mágicos. Esses inimigos tinham transformado tudo numa aula de catequese para crianças, só para nos fazer mal. Eu disse que então tínhamos de atacar os mágicos. O Tom Sawyer disse que eu era um idiota.

— Um mágico pode chamar muitos génios — disse ele

— e eles davam cabo de ti antes que conseguisses dizer Jack Robinson. São tão altos quanto uma árvore e tão grandes quanto uma igreja.

— Bem — disse eu —, e imaginemos que arranjávamos uns génios para nos ajudar. Não podemos dar uma tarefa aos outros?

— E como é que tu os ias arranjar?

— Não sei. Como é que eles os arranjam?

— Esfregam uma lâmpada de latão velha ou um anel de ferro e os génios saem de lá de dentro com relâmpagos e trovões a toda a volta e muito fumo, e fazem tudo o que lhes mandam fazer. A eles não lhes custa nada arrancar uma árvore pelas raízes e dar com ela na cabeça do catequista ou de outro homem qualquer.

— E quem é que os faz arrancar as coisas assim?

— Então, quem quer que esfregue a lâmpada ou o anel!

Pertencem a quem esfregar a lâmpada ou o anel. E têm de fazer o que a pessoa disser. Se a pessoa disser para construírem um palácio de diamantes com 60 quilómetros de comprimento e para o encherem de pastilha elástica ou o que quiseres, e irem buscar uma filha de imperador à China para te casares com ela, eles têm de o fazer, e têm de o fazer antes que o Sol nasça na manhã seguinte. E mais: têm de pôr o palácio no sítio que tu quiseres, estás a perceber?

— Bem — disse eu —, acho que são uns burros por não guardarem o palácio para eles, em vez de os darem assim. Além disso, se eu fosse um deles, não largava a minha vida para ir ter com um tipo só porque ele tinha esfregado uma lâmpada velha.

— As coisas que tu dizes, Huck Finn. Tu tinhas de aparecer quando ele a esfregasse, quer quisesses, quer não.

— O quê? Sendo eu tão alto quanto uma árvore e tão grande quanto uma igreja? Então está bem, eu ia, mas obrigava o tipo a subir à maior árvore que houvesse na região.

— Céus, não vale a pena falar contigo, Huck Finn. Parece que não sabes nada, és um idiota chapado.

Pensei nestas coisas durante dois ou três dias, e depois pareceu-me que devia ver se esta história era verdadeira. Arranjei uma lâmpada velha e um anel de ferro e fui para a floresta e esfreguei-os, e esfreguei-os até transpirar como um índio. A minha ideia era construir o palácio e vendê-lo, mas não valeu de nada, porque não apareceu génio nenhum. Concluí então que aquela história toda era só mais uma das mentiras do Tom Sawyer. Pareceu-me que ele tinha acreditado mesmo nos árabes e nos elefantes, mas eu pensava de maneira diferente. Tinha todos os sinais de ser apenas um piquenique da catequese.

CAPITULO IV

O encontro

Bem, passaram-se três ou quatro meses e já se estava no inverno. Tinha ido à escola a maior parte do tempo e já conseguia soletrar e ler e escrever um bocadi-

nho, e também dizer a tabuada até ao $6 \times 7 = 35$. Acho que não seria capaz de saber mais do que isso, nem que vivesse para sempre. De qualquer maneira, não me interessei por matemática.

Ao início, odiei a escola, mas depois lá me habituei a suportá-la. Sempre que ficava cansadíssimo, fazia gazeta e o sermão que levava no dia a seguir fazia-me bem e animava-

-me. Por isso, quanto mais andei na escola, mais fácil se tornou andar na escola. Também começava a habituar-me à viúva e ela já não era tão picuinhas comigo. Viver numa casa e dormir numa cama deixava-me furo, mas às vezes, antes de chegar o tempo frio, esgueirava-me de casa e dormia na floresta, e assim descansava. Gostava mais da maneira como vivia antigamente, mas começava a habituar-me também à nova vida, pelo menos um bocadinho. A viúva disse que eu me estava a adaptar

devagar, mas que me portava de maneira satisfatória. Disse que não tinha vergonha de mim.

Uma manhã, ao pequeno-almoço, entornei o saleiro sem querer. Apanhei algum do sal o mais depressa que pude, para o atirar sobre o ombro esquerdo e afastar o azar, mas a meni- na Watson foi mais rápida do que eu e não me deixou fazer o que queria — «Tira daí as mãos, Huckleberry. Estás sempre a fazer esterqueira!»

A viúva defendeu-me, mas aquilo não ia afastar o azar, eu sabia muito bem que não valia a pena achar que ia. Depois do pequeno-almoço, comecei a preocupar-me e a sentir medo, perguntei-me quando é que o azar me ia cair em cima, e de que maneira. Há formas de afastar certos tipos de azar, mas este não era um desses tipos de azar, por isso, não tentei fazer nada, continuei apenas triste e atento.

Fui até ao jardim da frente e subi as escadinhas por onde se atravessava a cerca alta. Havia dois centímetros e meio de neve nova no chão e vi umas pegadas lá marcadas. Pegadas de alguém que tinha vindo da pedreira e dado voltas aos degraus durante algum tempo, e que depois tinha seguido à volta da cerca do jardim. Era engraçado que não tivesse entrado depois de ter andado por ali. Não percebi o porquê daquilo. Fiquei muito curioso. Ia seguir as pegadas, mas, primeiro, abaixei-me para as observar. Ao início, não reparei em nada, mas depois vi alguma

coisa. A sola da bota esquerda tinha uma cruz feita com pregos grandes, para afastar o diabo.

Levantei-me logo e comecei a correr pela colina abaixo. Olhava, de vez em quando, sobre o ombro, mas não via ninguém.

Cheguei a casa do juiz Thatcher o mais depressa que pude. Ele disse:

— Rapaz, estás sem fôlego! Vieste levantar os teus juros?

— Não, senhor — disse eu. — Tem alguma coisa para mim?

— Ah, sim, recebi os juros de meio ano na passada noite. Mais de 150 dólares. Tens aí uma bela fortuna. Era melhor deixares-me investi-lo juntamente com os teus 6000 dólares, porque vais gastá-los se os levares contigo.

— Não, senhor — disse eu. — Não quero gastá-los. Não quero esse dinheiro para nada, nem os 6000 dólares. Quero que fique com ele, quero dar-lho, os 6000 e tudo.

O juiz pareceu admirado. Pareceu não me entender.

Disse:

— Mas que queres dizer com isso, meu rapaz?

— Não me faça perguntas sobre isso, por favor. Vai ficar com o dinheiro, não vai?

— Estou estupefacto. Passa-se alguma coisa?

— Por favor, fique com o dinheiro — disse eu — e não me pergunte nada, assim não tenho de mentir.

Ele pensou durante algum tempo e depois disse:

— Ah! Acho que já percebi. Queres vender-me toda a tua propriedade, não dá-la. Isso é que é o correto.

Então, ele escreveu algo num papel e leu-o:

— Pronto. Como vês, diz «Em troca de uma gratificação». Isso significa que comprei aquilo que é teu e que paguei por isso. Aqui tens um dólar. Agora, assina.

Assinei e fui-me embora.

O criado da menina Watson, o Jim, tinha uma bola de pelo tão grande quanto um punho, tinha sido tirada do quarto estômago de um boi, e ele costumava fazer magia com ela. Dizia que a bola de pelo tinha um espírito no seu interior, e que o espírito sabia tudo. Por isso, fui ter com ele nessa noite

e disse-lhe que o meu pai estava de volta, porque eu tinha encontrado as pegadas dele na neve. O que eu queria saber era: o que é que ele ia fazer; onde é que ia ficar? O Jim sacou da sua bola de pelo e disse-lhe alguma coisa, e depois levantou-a e deixou-a cair ao chão. Ela caiu e ali ficou, só rebolou uns dois

centímetros. O Jim tentou outra vez e outra vez, e a bola caiu sempre da mesma maneira. O Jim ajoelhou-se, encostou-lhe o ouvido e pôs-se à escuta. Não adiantou de nada, ele disse que a bola de pelo não queria falar. Disse que, às vezes, não falava sem dinheiro. Eu disse-lhe que tinha uma velha moeda de 25 cêntimos que não valia nada, porque se via um bocadinho de latão debaixo da prata, e que não podia usá-la com ninguém, mesmo que o latão não estivesse à vista, porque era tão falsa que parecia estar gordurosa e as pessoas notavam sempre que não estava bem. (Achei que era melhor não dizer nada sobre o dólar que o juiz me tinha dado.) Eu disse que era um dinheiro muito mau, mas a bola de pelo talvez o aceitasse, talvez não percebesse a diferença. O Jim cheirou a moeda e trincou-a e esfregou-a, depois disse que ia fazer com que a bola de pelo achasse que era uma boa moeda. Disse que ia abrir a meio uma batata e enfiar a moeda lá dentro e mantê-la aí toda a noite, e na manhã seguinte já não se via o latão nem se sentia a gordura, e dessa maneira qualquer pessoa da vila a aceitaria de imediato, quanto mais uma bola de pelo. Bem, eu já sabia que uma batata podia resolver o problema antes de ele mo dizer, mas tinha-me esquecido.

O Jim meteu a moeda debaixo da bola de pelo, abaixou-se e pôs-se outra vez à escuta. Disse que, dessa vez, a bola de pelo estava bem. Disse que a bola ia contar todo o meu futuro se

eu quisesse. Eu disse para ele continuar. Então, a bola de pelo falou com o Jim e o Jim contou-me tudo. Eis o que ele disse:

— O tã velho paizinho nã' sabe o que há de fazer. Às vezes, vai pensando em a'ir-se embora, mas a'depois pensa outra vez em ir ficando. É melhor é manter a calma e ir deixando que o velhote faça o que lh'apetecer. Tem dois anjos pairando à volta dele. Um deles é branco e brilhante, o outro é preto. O branco faz com qu'ele siga o caminho certo por algum tempo, e a'depois o preto aparece e dá cabo de tudo. Uma pessoa nã' sabe a'dizer quem é que o vai convencer no fim. Mas contigo está tudo bem. Vais ter problemas do tipo consideráveis na tua vida, e uma felicidade considerável. Às vezes vais magoar-te, às vezes vais ficar doente, mas a'depois vais ficar sempre bom outra vez. Há duas mulheres à tua volta na vida. Uma delas é clara e a outra é escura. Uma é rica e a outra é pobre. Vais casar-te primeiro com a pobre e a'depois com a rica. Queres manter-te a'longe d'água o máximo que puderes, e nã' queres correr riscos, mas tu vais acabar é por ser enforcado.

Nessa noite, quando acendi a minha vela e subi para o meu quarto, vi o meu pai lá sentado!

CAPITULO V

Pai

Eu fechei a porta. Depois, virei-me e lá estava ele. Costu- mava estar sempre com medo dele, batia-me muito. Na altura, achei que também estava assustado, mas vi

logo que me tinha enganado e que, depois do primeiro salto de susto, como se costuma dizer, quando quase deixei de res- pirar por não o esperar ali, vi que não tinha medo dele por estar no meu quarto — não, não tinha grande medo, nada de que valesse a pena falar.

Ele estava para ter quase 50 anos, e bem parecia que sim.

Tinha o cabelo comprido emaranhado e gorduroso, todo des- penteado, e através dele viam-se os olhos dele a brilhar, como se estivesse escondido no meio de heras. Era tudo preto, nada de cinzento, e também os seus bigodes compridos e desali- nhados. A cara dele não tinha cor nos poucos sítios onde se via a pele. Era branca, não como o branco de outro homem, mas um branco de deixar uma pessoa doente, um branco de fazer uma pessoa arrepiar-se — um branco como a barriga de uma rã ou a barriga de um peixe. As roupas dele eram só tra- pos, mais nada. Tinha um tornozelo pousado no outro joelho; a bota desse pé estava rasgada e dois dos seus dedos passavam

pela abertura. De vez em quando, mexia-lhes com a mão. O chapéu dele estava pousado no chão, era um chapéu velho e preto com o topo metido para dentro, como uma tampa.

Pus-me a olhar para ele. Ele olhou para mim com a cadeira um pouco puxada para trás, as pernas da frente levantadas. Pousei a vela. Reparei que a janela estava aberta, por isso, ele tinha entrado depois de subir ao barracão. Continuou a olhar para mim de cima a baixo. Acabou por dizer:

— Belas roupas, todas janotas. Achas-te uma grande personagem, não achas?

— Talvez seja, talvez não seja — disse eu.

— Não me venhas com as tuas tretas — disse ele. — Come- çaste a dar-te bastantes ares desde que me fui embora. Eu baixo- -te a crista em pouco tempo! Dizem que também tens educação, que sabes ler e escrever. Agora achas-te melhor do que o teu pai, não achas? Porque ele não sabe ler nem escrever, hã? Eu arranco-te esses achares à pancada... Quem é que te disse que podias meter-te a fazer estas parvoíces, hã? Quem te disse que podias?

— A viúva. Foi ela que disse.

— A viúva, hã? E quem é que disse à viúva que ela podia meter o bedelho numa coisa que não lhe diz respeito?

— Ninguém lhe disse nada.

— Pois, pois, eu ensino-lhe a não meter o nariz onde não é chamada. E ouve lá, vais deixar de ir à escola, estás a ouvir? Eu ensino a essa gente a não criar um miúdo que se arme em importante e se ache melhor do que o seu pai e melhor do que é! Eu que te apanhe outra vez naquela escola, estás a ouvir? A tua mãe não sabia ler nem escrever quando morreu.

Ninguém da tua família sabia antes de morrer. Eu não sei, e tu andas aí feito importante, com a mania que és melhor. Não sou homem para aturar isto, estás a ouvir?! Mas deixa-me ouvir-te a ler.

Peguei num livro e comecei a ler alguma coisa sobre o general Washington e as guerras. Depois de ler mais ou menos meio minuto, ele pegou no livro de repente e atirou-o pelo ar. E disse:

— É mesmo verdade. Sabes ler. Tive as minhas dúvidas quando me disseram que conseguias. Agora, ouve lá, para de te armar em esperto. Não o suporto. Eu ensino-te, meu esper-tinho... E se te apanhar naquela escola, dou-te uma tarefa das boas. Quando der por ela, também já andas a aprender religião, queres ver? Nunca pensei ter um filho destes.

Ele pegou numa imagem pequenininha, a azul e amarelo, de uma vaca com um rapaz e disse:

— O que é isto?

— É uma coisa que me dão por aprender as lições. Ele rasgou a imagem e disse:

— Dou-te uma coisa melhor... dou-te uma tarefa de chicote!

Durante um minuto, murmurou e gemeu, e depois disse:

— És um janota bem cheiroso, não és? Cama, lençóis, um espelho, uma carpetezinha no chão, e enquanto isso o teu pai dorme com os porcos na fábrica de curtumes. Nunca pensei ter um filho assim. Aposto que perdes metade dessa mania depois de te dar umas lições. Bem, é que não paras de te armar em bom... Dizem que és rico. Isso é verdade, hã?

— É mentira, não sou nada.

— Ouve lá, tem cuidado com os modos como falas comigo. Já estou pelos cabelos contigo, não me venhas com conversas de chacha... Estou na vila há dois dias e ouvi dizer por todo o lado que és rico. Também ouvi falar disso mais abaixo, no rio; foi por isso que cá vim. Quero que me dêes o dinheiro amanhã.

— Não tenho dinheiro nenhum.

— Mentiroso. O juiz Thatcher tem o teu dinheiro, e tu tens dinheiro. Quero o guito.

— Não tenho dinheiro nenhum, já te disse. Podes perguntar ao juiz Thatcher, ele diz-te a mesma coisa.

— Muito bem. Eu pergunto-lhe, e vou obrigá-lo também a pagar, ou tem de me dar justificações. Olha lá, quanto é que tens no bolso? Quero tudo o que tiveres.

— Só tenho um dólar e estou a guardá-lo para...

— Não quero saber para que é que o estás a guardar. Passa-o para cá.

Pegou na moeda e mordeu-a para ver se era verdadeira, e depois disse que ia à vila comprar uísque, disse que não tinha bebido todo o dia. Depois de saltar para cima do barracão, enfiou outra vez a cabeça pela janela e insultou-me por me armar em fino e tentar ser melhor do que ele. E quando me pareceu que se tinha ido embora, regressou, voltou a enfiar a cabeça pela janela e disse-me para não ir à escola, porque ia estar à minha espera e dar-me uma tarefa se não desistisse de lá ir.

No dia seguinte, ele embriagou-se, foi a casa do juiz Thatcher e ameaçou-o, tentou obrigá-lo a dar-lhe o dinheiro. Mas não conseguiu que ele lho desse e jurou que ia fazer com que a lei o obrigasse a dar-lho.

O juiz e a viúva foram ao tribunal para me tirar dele e fazer de um deles meu tutor, mas como tinha chegado à vila um juiz novo que não conhecia o meu velhote, o tal juiz disse que os tribunais não deveriam meter-se na conversa e separar as famílias se o pudessem evitar. Disse que preferia não separar um filho de um pai. Assim, o juiz Thatcher e a viúva tiveram de desistir da ideia.

Isto agradou ao meu velhote, que não descansou. Disse que me ia dar tarefas até eu ficar preto e azul se eu não lhe arran- jasse dinheiro. Pedi três dólares emprestados ao juiz Thatcher e o meu pai gastou-os para se embebedar, e depois andou pelas ruas a insultar e a ameaçar as pessoas, aos berros, e armou uma confusão por toda a vila com uma caçarola de esmalte quase até à meia-noite. Então, prenderam-no e no dia seguinte levaram-no a tribunal e voltaram a prendê-lo durante uma semana. Mas ele disse que estava satisfeito, que mandava no filho e que lhe ia fazer a vida negra.

Quando saiu da cadeia, o juiz disse que ia fazer dele um homem novo. Por isso, levou-o para casa dele, vestiu-lhe rou- pas novas e limpas e fê-lo tomar o pequeno-almoço, o almoço e o jantar com a família, e, por assim dizer, foi um querido com ele. Depois do jantar, explicou-lhe que tinha de ser bem-

-comportado e falou-lhe de coisas que tais até o velhote cho- rar e dizer que tinha sido um idiota, que tinha desperdiçado toda a vida. Mas que agora ia virar uma nova página e ser um homem

de quem ninguém teria vergonha, e esperava que o juiz o ajudasse e não o visse com maus olhos. O juiz disse que seria capaz de o abraçar por ouvir aquelas palavras, por isso, chorou e a mulher dele chorou também. O meu pai queixou-se

de que nunca o tinham compreendido, e o juiz disse que acreditava nele. O velhote disse que um homem precisava de compaixão e o juiz disse que era verdade, de maneira que choraram outra vez. E quando chegou a hora de dormir, o velhote levantou-se, estendeu a mão e disse:

— Olhem para esta mão, senhoras e senhores. Agarrem-na, apertem-na. Esta mão pertenceu a um porco, mas já não é a mão de um porco, é a mão de um homem que começou uma vida nova, e que prefere morrer a voltar a ser o que era. Lembrem-se destas palavras, não se esqueçam do que eu disse. Agora é uma mão limpa, apertem-na, não tenham medo.

E eles apertaram-na, um após outro, todos eles, e choraram. A mulher do juiz beijou-lhe a mão. Depois, o velhote assinou uma promessa, fez a marca dele no papel. O juiz disse que era o registo do momento mais solene da vida, ou uma coisa desse género. Depois, instalaram o velhote num quarto bonito — um quarto extra para visitas — e a meio da noite ele ficou cheio de sede, subiu ao telhado do alpendre, desceu pelo poste e trocou o seu casaco novo por um jarro de uísque. Voltou a entrar em casa

e ficou nas suas sete quintas. Quase ao nascer do dia, saiu outra vez pela janela, bêbedo como um cacho, rebolou pelo alpendre abaixo e partiu o braço esquerdo em dois sítios, e estava quase morto de frio quando o encontraram depois da alvorada. Ao darem uma vista de olhos ao quarto, tiveram quase de navegar lá dentro como num mar desconhecido.

O juiz sentiu-se um pouco magoado. Disse que talvez se pudesse reformar o velhote com uma caçadeira, mas que não conhecia outro método

InfoLivros.org

